

# RETORNOS DA NATUREZA



**MAURÍCIO WALDMAN**



**EDITORA KOTEV**  
**SÉRIE MEIO AMBIENTE 4**

# RETORNOS DA NATUREZA <sup>1</sup>

MAURÍCIO WALDMAN <sup>2</sup>

Os grandes impactos ambientais gerados pela expansão do mundo ocidental a partir do Século XVI terminaram por induzir no imaginário contemporâneo a percepção de que a crise do meio ambiente eclode tão só a partir da Modernidade.

Mas, antecipemos que o entendimento da destruição do meio ambiente enquanto fenômeno que tipifica exclusivamente o mundo moderno é um equívoco magistral. Logo, merecedor de ajustes, reparos e correções.

Como em muitas outras concepções que transitam na mentalidade de grupos, povos e nações, o mote taxativo intrínseco a um juízo demasiado direto carrega consigo propensões simplificadoras, comprometendo assim o discernimento da realidade.

Por exemplo, como desdobramento da premissa da crise ambiental enquanto uma problemática moderna, o passado histórico de largas seções da Humanidade passou a ser edulcorado do *status* de paraíso perdido, povoado por grupos sociais isentos de contradições, tanto entre si quanto para com o meio natural.

Esta interpretação, carente de cientificidade, se ajusta à postura de avaliar as sociedades tradicionais como estáveis, estanques e desembaraçadas de conflitos. Por extensão, pouco ou nada propensas a transformações, inclusive no tocante à relação com o meio natural.

Este horizonte idealizado, que poderia filiar-se aos modelos funcionalistas de análise do homem em sociedade, é demarcado por uma compreensão naturalista, adotando como parâmetro um conceito de totalidade cultural integrada, reportando em última análise a uma concepção harmônica e coesa do meio social como pedra de toque.

Com efeito, é justamente deste modo que os tempos e espaços externos ao Ocidente são representados em textos, filmes e numa ampla coleção de iconografias, comumente difundindo uma acepção ficcional da sociedade tradicional, no geral identificada em sítios externos aos dinamismos históricos da Europa.

Recorde-se que o conjunto formado pelas coletividades sob o comando de modos tradicionais de vida é tremendamente heterogêneo.

Neste recorte encontramos realidades tão diversas quanto as grandes civilizações agrárias e impérios formados a partir do controle das rotas de comércio de um lado, quanto de outro, populações dedicadas ao pastoreio nômade, comunidades de caçadores e coletores, assim como grupos extrativistas de todo o tipo.

Todavia, retenha-se que um rasgo geral a todos estes contextos sociais, históricos e culturais é um metabolismo brando mantido com o meio natural, incorporado como parceiro de expectativas associadas à reprodução histórica do mundo da tradição.

Isto posto, contrariamente ao modelo implantado pelo processo de expansão da civilização ocidental, os sistemas produtivos tradicionais não estavam assentados na noção de crescimento econômico ilimitado. Tampouco, tinham a esfera da economia enquanto nexos fundamentais dos seus estilos de vida (POLANYI, 2000).

Portanto, as sociedades de outrora assumiam claros *limites* quanto à transformação do meio natural e à materialização do artifício. Nessa sequência, caracterizavam sociedades mergulhadas na naturalidade, afeitas aos seus ciclos e pulsões.

No que interessa ao temário deste texto, se impõe a aferição de que qualquer que fosse o tipo de relacionamento estabelecido pelas sociedades tradicionais com a natureza, o funcionamento dos grandes dinamismos que imemorialmente regem a perpetuação da vida era preservado.

Em síntese: uma *naturalidade da metamorfose* pode ser constatada no conjunto das espacialidades criadas pelo mundo da tradição, que irrompem a partir do paciente labor humano em esculturar a natureza bruta. São fatos como estes que ampliam a compreensão da gênese das chamadas “molduras naturais” que tanto demarcaram a trajetória das sociedades do mundo tradicional.

Neste prisma, apesar de raramente ser recordado o papel dos grupos tradicionais em alterar o quadro natural com o qual interagem, recorde-se que muitas paisagens usualmente catalogadas em textos de biologia e de geografia como “naturais”, correspondem na realidade a espaços extensivamente manipulados pelos humanos.

A ideia de existirem no pensamento ocidental, populações privadas de empenho em transformar o entorno natural decorre, em grande parte, da valorização exclusiva das modalidades que integravam a acepção ocidental de territorialização do meio natural. Com isso negou-se legitimidade para os empreendimentos pautados pelas demais formações sociais quanto à organização do espaço.

Logo, civilizações magníficas como o Egito faraônico, Babilônia, Irã, China imperial, Índia e os impérios Asteca, Inca e Maia, onde a organização do espaço de um modo ou de outro acatava as inferências da natureza, passaram a integrar uma dimensão dominada pelo estranhamento, carimbadas como “bárbaras” e “estagnadas” por estarem distantes dos modelos eurocentrados.

Ainda que apresentando notável protagonismo civilizatório, o universo tradicional passou a ser rotulado como *atrasado* diante do Ocidente. Conformaria somenos povos e culturas *inferiores, subdesenvolvidas, pré-capitalistas e pré-modernas*. Ou seja: o padrão moderno ou ocidental foi estatuído, por definição, como paradigma máximo de referência (Cf. LAPLANTINE, 1988).

A comprovação desta invectiva apoiava-se na fisionomia das próprias civilizações do passado. Reconhecidamente, todas eram regidas pelos ciclos climáticos, das águas, pela sucessão das estações do ano e por inferências de fundo ecológico, fatores matriciais que encontravam amparo em ideações de fundo religioso, prestigiando a natureza e suas emanções, e com frequência, se tornando um dado inextricável do espaço habitado (Figura 1).

Não admira então que muitas das práticas mantidas no passado da Humanidade se tornaram referências crescentemente titularizadas como “sustentáveis”. Até porque os modernos sistemas de produção, criados com vistas a uma transformação radical do entorno natural, são na sua própria razão de ser disfuncionais no tocante ao equilíbrio ecológico.

Tenha-se em vista que ainda hoje, nos países classificados como subdesenvolvidos ou periféricos as comunidades tradicionais detêm acervo extremamente rico no conhecimento do ambiente e apropriação ótima dos ecossistemas, elemento-chave para a organização de modelos multiprodutivos e ambientalmente sadios (Cf. ALIER, 2005).

No mais, os exemplos de empreendimentos tradicionais bem-sucedidos do ponto de vista ambiental são abundantes. Ao redor do mundo, poderíamos citar a notável produtividade dos cultivos agroflorestais dos Papuas da Nova Guiné, os cultivos baseados no terraceamento das encostas da Cordilheira dos Andes, o pródigo modelo asteca *Chinampa* no Vale do México, que em comum, constituem sistemas agrícolas habilitados a dar conta de amplo rol de plantios, com produção alta e regular (Cf. DIAMOND, 2005; PNUD-BID, 1991).

Note-se que em muitos pontos da Ásia, África, Oceania e das Américas, populações hoje empobrecidas e marginalizadas souberam séculos atrás mobilizar tremendos esforços intelectuais, operacionais e logísticos para articular a organização do espaço habitado, e com isso, encetar marcas espantosas no meio natural, iniciativas que contando com poucos recursos, combinavam engenho e arte (Cf. WALDMAN, 2016a; SANTOS, 1998, 1988 e 1978).



FIGURA 1 - O Grande Canal da China, obra construída pelos imperadores da Dinastia Tang (Séculos VI-VII), classificada em 2014 pela UNESCO como Patrimônio Mundial da Humanidade. Atravessando vastas extensões do território chinês, esta via de comunicação, com mais de 1.700 quilômetros de extensão, está de tal modo inserida na paisagem que é difícil percebê-la como um elemento alheio ao espaço habitado (Foto: < <http://www.visitourchina.com/suzhou/attraction/the-grand-canal.html> >. Acesso: 06-02-2018).

Neste particular, o desmantelamento dos modelos ancestrais de vida no III Mundo tem acarretado toda sorte de assimetrias, abrindo caminho para situações de exclusão social, surgimento de regiões assoladas pela fome, pela violência rural, tensões políticas, conflitos étnicos e deterioração do meio ambiente.

*Pari passu*, tais instabilidades se desenrolam em regiões que paradoxalmente, foram justamente aquelas que forneceram autênticos tesouros biológicos para a agricultura e a pecuária, beneficiando a Humanidade em sua totalidade, dinamizando poderosas transformações sociais e influenciando a história mundial de modo decisivo (*passim* BRETON, 1990).

Por exemplo, foi graças ao magistral trabalho de seleção genética efetuado pelos camponeses andinos pré-incaicos que a Era Industrial pode dispor do milho e da batata, alimentos abasteceram o crescente contingente de trabalhadores urbanos europeus.

Estas duas plantas são concentradoras de energia, de baixo custo de produção e requerem áreas relativamente pequenas para as plantações, um prodígio dignificado ainda mais pela extrema variedade na tipologia destes produtos (Figura 2).



**FIGURA 2 - Variedades provenientes de cepas do milho selvagem domesticadas pelos cultivadores andinos, prestando-se a diferentes usos agrícolas e culinários (Foto: Michelle Hessel, 2015, in Pinterest: < <https://br.pinterest.com/> >. Acesso: 06-02-2018).**

Por conseguinte, tornaram-se a base da dieta cotidiana do operariado ocidental, propiciando significativa redução da massa salarial devido ao rebaixamento do custo de reprodução da força de trabalho. Como argutamente ressalvam os pesquisadores Jack KLOPPENBURG e Daniel Lee KLEIMAN (1987), sem o respaldo do milho e da batata, a industrialização europeia seria simplesmente fora de cogitação.

Retenha-se de igual modo que a interpretação do que venha a se conformar com a definição de “natural” no mundo tradicional contradiz em diversos pontos as noções

ocidentais de artificialidade. Isto sugeriria discernir modalidades próprias adotadas pelos povos extraocidentais quanto ao estipulam como artificial, acepções que contrastam com os axiomas propostos pelo Ocidente na forma de pensar o reino da naturalidade.

Disto resulta ser comum, quando nos depararmos com espaços como o continente africano, encontrarmos marcadores espaciais resultantes não de uma esculturação, mas sim, da apreensão direta de um item da natureza, deliberadamente adotado ou transplantado para outros pontos do espaço habitado. É o que explica, a título de exemplo, a difusão do Baobá em África (Cf. WALDMAN, 2016b).

Elemento eminentemente natural, esta majestosa árvore foi regularmente solicitada como referência territorial, plantada para demarcar caminhos, identificar o centro das aldeias e delimitar as propriedades. Dispensando a interferência humana, jamais os Baobás teriam a difusão geográfica que passaram a usufruir. Disto resulta que o Baobá é a árvore da África não porque este tenha sido um desejo da natureza, mas sim porque esta foi a opção dos africanos (Figura 3).

Mas, independentemente do que aos olhos de um mundo contemporâneo açodado por problemas ambientais sugeriria uma Idade de Ouro Perdida, importa rubricar que o mundo pré-moderno também conheceu versões próprias da crise ambiental. Nesta declinação, eis como a pena de Friedrich ENGELS, o famoso parceiro de Karl Marx, afiançou na conhecida obra *A Dialética da Natureza* um prontuário de profundos desequilíbrios ambientais de responsabilidade dos povos da antiguidade:

*“Os homens que na Mesopotâmia, na Grécia, na Ásia menor e noutras partes, destruíram os bosques para obter terra arável, não podiam imaginar que, desta forma, estavam dando origem à atual desolação dessas terras ao despojá-las de seus bosques, isto é, dos centros de captação e acumulação de umidade”* (1979: 224).

Outro aspecto importante é que a crise ambiental das civilizações antigas foi tanto mais incisivas quanto mais explícitas foram as dessimetrias sociais, econômicas e de poder, exaltadas desde tempos longínquos por atribuições de pronto assenhoreadas pelo aparato estatal.

Nesta senda, tal como rubricado pelo saber antropológico (Cf. WALDMAN, 2006a; DIEGUES, 1994; GODELIER, 1977 e 1974), as civilizações de outrora, ainda que assumindo caminhos diferentes dos propostos pela inculturação ocidental, também se viram às voltas com inúmeros problemas ambientais.



**FIGURA 3: Baobá fotografado em Madagáscar, um dos países africanos que adotaram esta árvore como símbolo nacional (Foto: Gian Paolo Barbieri, 1997: 1).**

Assim, eclodindo numa proporção e frequência bem menores do que a exibida pelos tempos modernos, a atuação das sociedades tradicionais não deixou de implicar, em vários contextos históricos, na salinização do solo, desertificação de vastas áreas, desflorestamento implacável, perdas em biodiversidade e depredação generalizada de ecossistemas inteiros.

No mais, poder-se-ia alinhar um numeroso elenco de mutações suscitadas pelo mundo tradicional a partir de atividades tidas como de “baixo impacto ambiental”, um leque de posturas que por sua persistência, acarretaram modificações sutis, porém cumulativas, nos sistemas naturais (*passim* WALDMAN, 2006a). Dentre estas, seria possível inventariar:

- A adoção das penas de uma ave ou pele de um mamífero enquanto bens de prestígio - isto é, artigos que numa dada sociedade notabilizavam aqueles que os possuem - acarretando alteração na distribuição e na distribuição natural das espécies;
- A escolha deste ou daquele fruto, raiz, inseto ou vertebrado, ou subtipo dos mesmos, como item essencial da pauta alimentar, alterando suas áreas naturais de difusão e indiretamente, das demais espécies pelas alterações da cadeia alimentar;
- A exaltação de um vale montanhoso, de um rio, de uma colina, de um afloramento rochoso, gruta, árvore ou de qualquer outra rugosidade natural como morada dos espíritos ancestrais ou forças sobrenaturais.

Paralelamente, o avanço da agricultura, do desmatamento, drenagem dos pântanos, caça indiscriminada e quando não, todas estas variáveis conjuntamente, importaram na rarefação de centenas de espécies, algumas das quais foram extintas para sempre (Figura 4).

Neste sentido, houve uma época em que manadas de camelos percorriam o vale do Mississipi; na qual os leões se aqueciam aos raios do Sol na Macedônia, Pérsia, Bitínia e Bokhara; tempos em que os rinocerontes e os crocodilos se refestelavam no delta do rio Nilo; lobos caçavam nos campos do Danelaw e da Cornualha; em que os mares nórdicos pululavam de leões marinhos e rinocerontes chafurdavam nos grandes rios da Borgonha.

Ora, seria o caso de indagarmos: *Afinal, onde foram parar estes admiráveis espécimes da vida selvagem?*



FIGURA 4 - Relevo representando o imperador assírio Assurbanipal (Século VI a.C.), caçando leões na antiga Mesopotâmia. Nestas plagas, assim como em todo o Oriente Médio, relatos identificando a presença destes felinos são constantes, inclusive na Bíblia. Porém, caçados impiedosamente, os numerosos grupos destes animais escassearam a ponto de serem completamente extintos poucas gerações antes da Era Comum (Foto: Museu Britânico de Londres, in Pinterest: < <https://br.pinterest.com/> >. Acesso: 06-02-2018).

Sendo óbvia a resposta, seria imperioso sublinhar que as sociedades do passado promoveram profunda metamorfose no ambiente natural e isto, numa escala nada superficial.

Daí que fabulações de “paraísos ecológicos perdidos” alimentando estreita relação com emblemáticas idades do ouro e mimoseando sociedades mitologicamente governadas por um entrosamento harmonioso com o meio natural, substantivariam, pelo mínimo, peças de ficção a serem colocadas sob suspeição e debate.

Isto posto, tal como argumentado sem maiores rodeios pelo economista ecológico Juan Martinez ALIER, *nenhuma civilização foi ecologicamente inocente* (1992: 49).

Por outro lado, entenda-se igualmente que com a notória exceção de cenários circunscritos nos quais a crise ambiental levou à esterilização irreversível da natureza

original, como no caso excepcional da civilização da Ilha da Páscoa (Figura 5), no mundo antigo a tônica geral foi repetidamente a renaturalização da artificialidade.



**FIGURA 5 - Os famosos *Moai* da ilha da Páscoa, estátuas gigantescas erguidas em completo desprezo pelos restritos recursos naturais desta pequena ilha do Pacífico (163 km<sup>2</sup>). Iniciativa que esgotou por completo tudo o que o ambiente poderia fornecer estas estátuas monumentais, com o colapso ambiental da ilha, não foram sequer renaturalizadas. O ambiente natural original, extirpado para sempre, não possuía mais nenhuma pré-condição para se reconstituir (Foto: < <http://imaginaisladepascua.com/en/easter-island-sightseeing/easter-island-volcanoes/rano-raraku/> >. Acesso: 06-02-2018).**

Em suma: os impactos humanos na natureza, ditos antropogênicos, entendidos pelo senso comum como apanágio exclusivo da civilização moderna, também foram uma prerrogativa da antiguidade, inclusive no respeitante às sociedades tribais, que na literatura ambientalista, despontam como realidades praticamente sinonimizadas ao meio natural.

Porém, essa leitura crítica não dispensa ponderações adicionais. Em especial porque nada permite igualar as crises ambientais dos humanos do passado com o tanático colapso ambiental que tem sido promovido pelo padrão civilizatório ocidental.

A crise ambiental da Modernidade ameaça, sem qualquer exagero, tragar a biosfera por inteiro, levando de roldão o conjunto das comunidades humanas na Terra numa hecatombe sem paralelo na história, ultrapassando em impetuosidade mesmo as previsões mais sombrias evocadas pelos visionários do passado.

Nomeadamente, anote-se que diferenciando a crise ambiental do mundo tradicional da que se desenrola nos nossos dias, outrora, quando da derrocada dos sistemas de engenharia (cf. SANTOS, 1988, 1988 e 1978), as rupturas da organização do espaço, além de ecologicamente pontuais e geograficamente delimitadas, não descartavam azos para que as emanções da natureza lentamente restaurassem os equilíbrios, revitalizando os espaços desmantelados pela incúria humana.

Daí o recorrente espetáculo do *retorno da natureza*, dinamismo manifesto no tapete de naturalidade que recobria as obras artificiais deixadas para trás pelos humanos, evento observado em muitos contextos do mundo antigo.

Foi assim que o deserto avançou sobre as ruínas de Marib e de Nínive; que as savanas engoliram Aoudaghost e o Zimbabwé; que a floresta equatorial sepultou Angkor Wat e Uxmal. E a tal ponto, que os arqueólogos tiveram dificuldade em trazer à luz os vestígios destes grandes feitos civilizatórios do passado humano (Figura 6).



**FIGURA 6** - Imagem da Grande Pirâmide de Uxmal, que atualmente desponta agasalhada pela floresta tropical do Yucatán, no México. Séculos atrás, este imponente marco arquitetônico era o centro de um importante assentamento urbano Maia, polo de uma área intensamente humanizada com um meio rural circundante formado por plantações de milho a perder de vista. Antes das escavações arqueológicas, o monumento não passava de uma colina mascarada pela luxuriante mata tropical da região (Foto: < <http://www.ancient-origins.net/ancient-places-americasy/spectacular-ancient-maya-city-uxmal-003768> >. Acesso: 06-02-2018).

Em última análise, a explicação referente à revitalização do espaço natural no mundo antigo repousa numa intervenção junto à natureza quase sempre levada a cabo com determinado senso de medida, em vista de que o entrosamento com os fluxos da natureza - tanto no plano concreto quanto no do imaginário - persistiu como nota predominante nas sociedades tradicionais.

Ao contrário da sociedade contemporânea, o mundo tradicional pautou-se pela proximidade com a esfera do natural, que se não foi de todo harmoniosa, não arrogava como imperativo categórico a exclusão inapelável da naturalidade.

Assim sendo, graças aos conteúdos de naturalidade organicamente entrelaçados à artificialidade, os fluxos da natureza operavam nos antigos sistemas produtivos como componente funcional do espaço habitado, nunca como mero insumo ou matéria-prima.

Consequentemente, nada nos colapsos ambientais registrados nas sociedades da antiguidade admitiria pautar qualquer analogia com a moderna crise ecológica, que histórica, cultural e geograficamente é inédita em gênero, número e grau.

No passado, as crises ecológicas foram superadas pelo revigoramento dos fluxos naturais, que ao menos parcialmente, resgatavam apensos da antiga naturalidade. Esta possibilidade, ausente na crise ambiental da Modernidade, imprime cunho bem mais dramático e radical a uma pungente problemática que salta à vista de todos.

Objetivamente, a consolidação da hegemonia ocidental decorreu do desdobramento inevitável de uma civilização firmada na submissão do natural ao artificial; do que é emocional ao que foi estatuído como racional; da heterogeneidade diante da homogeneidade; do que é local e particular, às determinações que firmam um rumo global à trajetória humana.

Noutros termos, *a supremacia ocidental encontra um dilema nodal na devoção que nutre pelo crescimento ilimitado*. Premida entre o que deseja e o que os recursos ambientais lhe permitem levar adiante, o que se tem é uma encruzilhada visceral, cujo equacionamento é que permitirá ou não a continuidade da presença humana no Planeta.

Em sendo assim, *a discussão da relação mantida pela Modernidade com o meio natural que se reveste de caráter central e inequívoco*.

É exclusivamente em função deste nexos que se torna possível compreender a eclosão da crise ambiental no seu sentido mais pungente e por consequência, as alternativas de enfrentamento do problema, abrindo caminho para a Humanidade assegurar uma relação minimamente respeitosa para com o meio ambiente.

Exatamente por esta razão, ao constituir um desafio absolutamente novo, seria descabido entender os modelos tradicionais de vida enquanto enunciado factível de solucionar o que não é tradicional (Figura 7).



FIGURA 7 - Vista de Nova York, a principal metrópole mundial, no entardecer de um dia de 2013. Imagem que expressa problemas novos, requerendo soluções originais (Foto: Wallwindow, 2013, in Pinterest: < <https://br.pinterest.com/> >. Acesso: 06-02-2018).

Mesmo porque a crise ambiental, tal como atualmente se deslumbra, não estava colocada na agenda de sociedades que dialogavam, ainda que de feitio oscilante e eventualmente com crispações e ambiguidades, com os domínios da naturalidade.

Consequentemente e sem meias palavras, *o fato é que uma sociedade ecológica está por ser instaurada, e não restaurada*, prognóstico este que sugere a necessidade de mudanças urgentes e profundas em todos os níveis da sociedade contemporânea.

Desafio que se impõe sem demora ao conjunto da comunidade humana.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACOT, Pascal. *História da ecologia*. Rio de Janeiro (RJ): Editora Campus. 1990;
- ALIER, Juan Martinez. *El ecologismo de los pobres: Conflictos ambientales y lenguajes de valoración*. Barcelona (Espanha): Icaria-Antrazyt-Flacso. 2005;
- \_\_\_\_\_. *El ecologismo de los pobres*. In: Revista Envio, nº. 125. Manágua (Nicarágua). 1992;
- BALANDIER, Georges. *As Dinâmicas Sociais - Sentido e Poder*. São Paulo e Rio de Janeiro (SP-RJ): Editora Difusão Européia do Livro (DIFEL). 1976;
- BALÉE, William. *Sobre a Indigeneidade das Paisagens*. In: Revista de Arqueologia, 21, nº. 2, pp. 9-23. São Paulo (SP): Sociedade de Arqueologia Brasileira (SAB). 2008;
- BARBIERI, Gian Paolo. *Madagascar*. Álbum de fotos. República Federal da Alemanha: Taschen. 1997;
- BAUM, D. A.; SMALL, R. L. et WENDEL, J. F. *Biogeography and floral evolution of baobabs (Adansonia, Bombacaceae) as inferred from multiple data sets*. Systematic Biology, V. 47, pp. 181-207. EBSCO Publishing. 2002;
- BRETON, Roland Jules-Louis. *Geografia das Civilizações*. Série Fundamentos, nº. 60. São Paulo (SP): Editora Ática. 1990;
- CMMAD-ONU. *Nosso Futuro Comum*. Relatório da Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento da ONU. Comissão Mundial de Meio Ambiente e Desenvolvimento da Organização das Nações Unidas. Rio de Janeiro (RJ): Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1988;
- CROSBY, Alfred W. *Imperialismo Ecológico: a expansão biológica da Europa: 900-1900*. 1ª reimpressão. São Paulo (SP): Companhia das Letras. 2000;
- DIAMOND, Jared. *Colapso: Como as sociedades escolhem o fracasso ou o sucesso*. São de uma teoria anárquica da teoria do conhecimento. Rio de Janeiro (RJ): Livraria Francisco Alves. 2005;
- DIEGUES, Antonio Carlos Sant'Ana. *O Mito Moderno da Natureza Intocada*. Edição do Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas e Úmidas Brasileiras (NUPAUB). São Paulo (SP): Universidade de São Paulo (USP). 1994;

DOLLFUS, Olivier. *O Espaço Geográfico*. Coleção Saber Atual, nº. 153. São Paulo (SP): Difusão Européia do Livro (DIFEL). 1972;

ELLIOTT, Lorraine. *The Global Politics of the Environment*. Reino Unido: Macmillan, 1998;

ENGELS, Friedrich. *A Dialética da Natureza*. Coleção Pensamento Crítico, nº. 8. Rio de Janeiro (RJ): Paz e Terra. 1979;

HARRIS, David H. *A Ecologia Humana em Meio Ambiente de Savana*. In: Revista do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), ano 44, exemplar de Jan/Fev. Rio de Janeiro (RJ). 1982;

GODELIER, Maurice. *Horizon, Trajets marxistes en Anthropologie*. Prefácio e tradução de Gilberto Azanha. São Paulo (SP): Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP): texto mimeo. 1977;

\_\_\_\_\_. *A Noção de Modo de Produção Asiático e os Esquemas Marxistas de evolução das Sociedades*. In: *O Modo de Produção Asiático*. Lisboa e Paris (Portugal e França): coedição Centre d'Etudes et de Recherches Marxistes (CERM) e Editora Seara Nova. 1974;

JONES, Emrys. *Geografia Humana*. Nueva Colección Labor, nº. 16. Barcelona (Espanha): Editorial Labor S.A. 1966;

LAPLANTINE, François. *Aprender antropologia*. São Paulo (SP): Editora Brasiliense. 1988;

KLOPPENBURG, Jack et KLEIMAN, Daniel Lee. *Seed Wars: Common Heritage, Private Property, and Political Strategy*. In *Socialist Review*, nº. 95, September-October. 1987;

LACOSTE, Yves. *Unité & Diversité du Tiers Monde - Des Representations Planétaires aux Stratégies sur le Terrain*. Paris (França): François Maspero. 1981;

MEADOWS, Dennis L. et alli (Orgs.). *Limites do Crescimento: um relatório para o projeto do Clube de Roma sobre o Dilema da Humanidade*. (Coleção Debates, nº. 90). São Paulo (SP): Editora Perspectiva, 1973;

NIANE, Djibril Tamsir. *Sundjata ou a Epopeia Mandinga*. Coleção Autores Africanos, nº. 15. São Paulo (SP): Editora Ática. 1982;

PNUD-BID. *Nossa Própria Agenda*. Publicação do Banco Interamericano de Desenvolvimento e do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento. São Paulo (SP): coedição PNUD-BID. 1991;

POLANYI, Karl. *A Grande Transformação: As origens da nossa época*. 8ª edição. Rio de Janeiro (RJ): Editora Campus. 2000;

RESENDE, André Lara. *Os Limites do Possível: A economia além da conjuntura*. 1ª edição. São Paulo (SP): Portfólio-Penguin. 2013;

TUAN, Yi Fu. *Topofilia - Um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente*. São Paulo (SP): Difusão Européia do Livro (DIFEL). 1980;

SANTOS, Milton. *Técnica, Espaço e Tempo: globalização e meio técnico-científico informacional*. 4ª edição. Coleção Geografia e Realidade, nº. 25. São Paulo (SP): Editora de Humanismo, Ciência e Tecnologia (HUCITEC). 1998;

\_\_\_\_\_. *Metamorfoses do Espaço Habitado*. São Paulo (SP): Editora de Humanismo, Ciência e Tecnologia (HUCITEC). 1988;

\_\_\_\_\_. *Por uma Geografia Nova: Da crítica da geografia a uma geografia crítica*. São Paulo (SP): coedição Editora de Humanismo, Ciência e Tecnologia (HUCITEC) e Editora da Universidade de São Paulo (EDUSP). 1978;

\_\_\_\_\_. *Por Uma Geografia Nova*. São Paulo (SP): coedição Editora da Universidade de São Paulo (EDUSP) e Editora de Humanismo, Ciência e Tecnologia (HUCITEC). 1978;

WALDMAN, Maurício. *Hegemonia Ocidental: Processo cultural, histórico e social*. E-book postado na Plataforma Kobo: <https://www.kobo.com/br/pt/ebook/hegemonia-ocidental>. São Paulo (SP): Editora Kotev. 2016a;

\_\_\_\_\_. *Baobá na Paisagem Africana: Singularidades de uma conjugação entre natural e artificial*. E-book postado na Plataforma Kobo: <https://www.kobo.com/br/pt/ebook/o-baoba-na-paisagem-africana>. São Paulo (SP): Editora Kotev. 2016b;

\_\_\_\_\_. *Dúvidas e Incertezas da Sustentabilidade*. Artigo publicado pelo jornal O Imparcial. Coluna Pensar & Repensar, edição de Sábado, página 3a, 06-06-2015. Presidente Prudente (SP). 2015;

\_\_\_\_\_. *Limites da Modernidade: Dilemas do esgotamento dos recursos*. Texto de apoio para Conferência de Abertura da XII Jornada de Educação, XII Simpósio de

Iniciação Científica da Faculdade de Ciências, Letras e Educação da Universidade do Oeste Paulista (UNOESTE), 02-06 de Maio de 2011. Presidente Prudente (SP), UNOESTE: Anais. 2011a;

\_\_\_\_\_. *Crise ambiental: Ponderando a respeito de um dilema da modernidade*. In Revista Crítica Histórica, volume 4, pp. 295-313. Maceió (AL): Centro de Pesquisa e Documentação Histórica (CPDHis), da Universidade Federal de Alagoas (UFA). 2011b;

\_\_\_\_\_. *Meio Ambiente & Antropologia*. Série Meio Ambiente, nº. 6. São Paulo (SP): Editora SENAC. 2006a;

\_\_\_\_\_. *Água e Metrópole: Limites e Expectativas do Tempo*. Tese de Doutorado em Geografia. São Paulo (SP): Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). 2006b;

\_\_\_\_\_. *Metamorfoses do Espaço Imaginário*. Dissertação (Mestrado em Antropologia). São Paulo (SP): Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). 1997;

\_\_\_\_\_. *Espaço e Modo de Produção Asiático*. In. Boletim Paulista de Geografia, nº. 72. São Paulo (SP): Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB), seção local São Paulo. 1994;

\_\_\_\_\_. *Templos e Florestas: Metamorfoses da natureza e naturalidades da metamorfose*. Texto mimeo. São Paulo (SP): Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). 1992;

WICKENS, G. E. *The uses of the baobab (adansonia digitata l.) in Africa*. AETFAT: Taxonomic aspects of African economic botany. G. Kunkel (editores), 1979.

<sup>1</sup> **Retornos da Natureza** refere-se a tema desenvolvido em diversos momentos da trajetória intelectual do autor, com uma primeira versão publicada em 2002 como artigo eletrônico na home-page de **Prof - Assessoria em Educação**. O tema também foi discutido em Tese de Doutorado em Geografia Humana (USP, 2006b) e em textos para público amplo, dentre os quais, uma edição datada de 2016. A presente edição deste texto foi masterizada em 2018 pela **Editora Kotev** (Kotev ©) para fins de acesso livre na Internet. **Retornos da Natureza** incorpora revisão ortográfica com base nas regras vigentes quanto à norma culta da língua portuguesa, cautelas de estilo, repaginação normativa e normatizações editoriais inerentes ao formato PDF, também permitindo consulta em aparelhos celulares. A confecção da edição digital contou com a Assistência de Editoração Eletrônica, Pareceres Técnicos e Tratamento Digital de Imagens do *webdesigner* Francesco Antonio Picciolo, Contato E-mail: [francesco\\_antonio@hotmail.com](mailto:francesco_antonio@hotmail.com), Site: [www.harddesignweb.com.br](http://www.harddesignweb.com.br). Anote-se que editorialmente, o texto de **Retornos da Natureza** é um material gratuito, sendo vedada qualquer forma de reprodução comercial e igualmente, de divulgação sem aprovação prévia da **Editora Kotev** (Kotev©). A citação de **Retornos da Natureza** deve obrigatoriamente incorporar referências ao autor, texto e apensos editoriais conforme padrão modelar que segue: WALDMAN, Maurício. *Retornos da Natureza*. Série Meio Ambiente Nº. 4. São Paulo (SP): Editora Kotev. 2018.

<sup>2</sup> **Maurício Waldman** é antropólogo, jornalista, pesquisador acadêmico e professor universitário. Militante ambientalista histórico do Estado de São Paulo, Maurício Waldman somou a esta trajetória experiências institucionais na área do meio ambiente e uma carreira acadêmica diversificada, com contribuições nas vertentes da antropologia, geografia e sociologia. Antigo colaborador do líder seringueiro Chico Mendes, ativista de movimentos em defesa da Represa Billings e um dos veteranos da Assembleia Permanente de Entidades em Defesa do Meio Ambiente (APEDEMA, SP), Waldman foi elencado no ano de 2003 em enquete do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP) como um dos trinta ambientalistas históricos do Estado de São Paulo. Nos anos 1990, participou no CEDI (Centro Ecumênico de Documentação e Informação) e em diversas entidades ecológicas, dentre as quais o Comitê de Apoio aos Povos da Floresta de São Paulo. No plano institucional, Waldman foi Coordenador de Meio Ambiente em São Bernardo do Campo (SP) e Chefe da Coleta Seletiva de Lixo na capital paulista. Foi colunista, articulista e/ou colaborador da Agência Ecumênica de Notícias (AGEN), do jornal Diário do Grande ABC, Folha de São Paulo (Seção do Grande ABC), revista Tempo & Presença, site da Editora Cortez, boletim Linha Direta, revista Teoria & Debate, revista Ambiente Urbano, site do Prof Assessoria em Educação, site Cultura Verde, Secretaria de Comunicação de São Bernardo do Campo, jornal O Imparcial e da revista Brasil-África Magazine. Autor/coautor de 18 livros, 26 *e-books* e de mais de 700 artigos, textos acadêmicos e pareceres de consultoria, Maurício Waldman escreveu, dentre outras obras, *Ecologia e Lutas Sociais no Brasil* (Contexto, 1992) e *Antropologia & Meio Ambiente* (SENAC, 2006), primeira obra brasileira no campo da

antropologia ambiental. Maurício Waldman é graduado em Sociologia (USP (1982), licenciado em Geografia Econômica (USP, 1983), Mestre em Antropologia (USP, 1997), Doutor em Geografia (USP, 2006), Pós Doutor em Geociências (UNICAMP, 2011), Pós Doutor em Relações Internacionais (USP, 2013) e Pós Doutor em Meio Ambiente (PNPD-CAPEs, 2015).

**Mais Informação:**

**Portal do Professor Maurício Waldman:** [www.mw.pro.br](http://www.mw.pro.br);

**Maurício Waldman - Textos Masterizados:** <http://mwtextos.com.br/>

**Currículo Lattes-CNPq:** <http://lattes.cnpq.br/3749636915642474>;

**Biografia Wikipédia:** [http://en.wikipedia.org/wiki/Mauricio\\_Waldman](http://en.wikipedia.org/wiki/Mauricio_Waldman).

**Email:** [mw@mw.pro.br](mailto:mw@mw.pro.br)

# CONHEÇA A SÉRIE MEIO AMBIENTE



<http://mwtextos.com.br/serie-meio-ambiente/>



Os debates sobre MEIO AMBIENTE são um pilar central de atuação da EDITORA KOTEV, publicadora digital que entrou em atividades no ano de 2016. Também trabalhamos com temas relacionados com RELAÇÕES INTERNACIONAIS, AFRICANIDADES, CARTOGRAFIA, ANTROPOLOGIA e EDUCAÇÃO POPULAR.

Saiba mais sobre a EDITORA KOTEV. Acesse nossa página:  
<http://kotev.com.br/>

Qualquer dúvida nos contate. Estamos à disposição para atendê-lo:  
[atendimento@kotev.com.br](mailto:atendimento@kotev.com.br)